O ABSURDO, A REVOLTA E A BUSCA POR SIGNIFICADO A PARTIR DA OBRA *O MITO DE SÍSIFO* DE ALBERT CAMUS

Nicolle Oliveira Schorsch[1]
Leo Peruzzo Júnior[2]

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo explorar o modo como se dá a concepção do absurdo, a revolta e como esses fatores implicam na ressignificação da busca por um sentido próprio, segundo a filosofia de Albert Camus. Para isso, o artigo se baseia especialmente na obra *O Mito de Sísifo,* buscando examinar os conceitos centrais trabalhados no ensaio e neste primeiro ciclo de pensamento do autor, como o absurdo e as diferentes respostas a esta condição: o suicídio, visto como uma forma de fuga, e a revolta, entendida como uma postura de enfrentamento direto ao problema absurdo.

Palavras-chave: Absurdo. Revolta. Ética. Mito de Sísifo. Existencialismo.

[1] Aluna do sexto período do Curso de Filosofia da FAE Centro Universitário e do quarto período do Curso de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR). *E-mail*: nicolleoschorsch@gmail.com

[2] Orientador da Pesquisa. Professor da FAE Centro Universitário. Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia Mestrado e Doutorado da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Pós-Doutor pela Università Ca´Foscari de Veneza. *E-mail*: leoperuzzoperuzzo@gmail.com

INTRODUÇÃO

Albert Camus (1913-1960) foi um escritor, jornalista e filósofo franco-argelino, premiado com o Nobel de Literatura em 1957. Nascido em uma família humilde na Argélia em 1913, Camus teve uma infância marcada pela pobreza e pela doença, experiências que o influenciaram profundamente e moldaram sua visão sobre a condição humana, tema recorrente em toda a sua obra.

Camus construiu sua carreira por meio de romances, ensaios e peças de forma cíclica, que abordam temas como liberdade, morte, sentido da vida e revolta.[3] Considerado um dos pensadores mais importantes do século XX, destacou-se tanto por sua produção literária quanto por seu engajamento político, sendo frequentemente associado ao existencialismo, embora preferisse caracterizar sua filosofia como absurdista. Sua obra, marcada por uma profunda reflexão sobre a condição humana, o absurdo da existência e a busca por sentido em um mundo aparentemente indiferente, apresenta uma filosofia pautada pela revolta e pela lucidez, onde questiona a busca por respostas transcendentes e defende a afirmação da liberdade individual diante do vazio existencial.

A obra escolhida como ponto central para este artigo, *O mito de Sísifo*, publicada em 1942, trata-se de um ensaio filosófico que introduz o conceito de absurdo à filosofia camusiana, explorando-o como uma ideia central que permeia toda a sua filosofia posterior. Assim, a partir de tal conceito, Albert Camus examina como o ser humano reage ao absurdo e apresenta o mito de Sísifo como metáfora dessa condição, que, na visão de Camus, é uma figura de revolta e persistência, que simboliza a resistência humana ao desespero.

O presente artigo aborda, portanto, em primeira instância, a descrição e a concepção do absurdo, analisando como o ele é percebido e vivenciado diante da busca humana por significado e em sua relação com o mundo. Em seguida, examina as diferentes respostas à condição absurda da existência, segundo Camus o suicídio ou a revolta. Por fim, em terceira e última instância, analisa como elementos abordados contribuem para a reflexão sobre a busca por sentido próprio a partir do mito de Sísifo, considerado por Camus como a personificação do herói absurdo.

---

[3] As principais obras de Camus estão estruturadas de forma cíclica, nas quais os temas estão interligados. Cada ciclo é composto pelos diferentes gêneros de escrita, sempre incluindo romance, ensaio e peças de teatro. No início da estrutura cíclica está o Absurdo (início de 1940), pensado desta forma: romance - O Estrangeiro, ensaio - O Mito de Sisifo, teatro - Calígula e o Mal-entendido. No segundo ciclo está a Revolta (final de 1940 e início 1950), formado por romance A Peste, ensaio - O Homem Revoltado, teatro - Estado de Sítio e Os Justos (Cf. Lima; Oliveira, 2022, p. 10-11).

1 DA CONCEPÇÃO E CONSCIÊNCIA DO ABSURDO

Para compreender a filosofia absurdista de Camus, é crucial entender sua relação com o existencialismo e como sua concepção filosófica se diferencia a esta corrente. Embora considerado por muitos estudiosos como filósofo existencial, ainda em vida Camus recusou a nomenclatura, em uma entrevista, ele rejeitou ser chamado de humanista ou filósofo, afirmando: "Não sou um filósofo e só sei falar do que vivi"[4] (Gallimard, 1960, p. 83, *apud* Guimarães, 1971, p. 22). Tal afirmação revela a complexidade da relação entre o romance e a filosofia na obra de Camus, uma relação que se torna mais evidente ao analisarmos suas obras, que se caracterizam por um estilo literário quase densamente romanesco, com exceção de *O Mito de Sísifo* e *O Homem Revoltado,* que se configuram como ensaios filosóficos.

Nesse sentido, embora rejeitasse o enquadramento filosófico, Camus reconhecia a importância da relação entre filosofia e romance, como destaca em *O mito de Sísifo:* "os grandes romancistas são romancistas filósofos, ou seja, o contrário de escritores com teses" (Camus, 2021, p. 165), como ele mesmo cita Kafka, Dostoiévski, Melville, entre outros. Assim, em suas obras sempre havia uma ponta de filosofia submersa, como é o caso de *O estrangeiro*, que vai de encontro direto à filosofia apresentada em *O mito de Sísifo* e compõe o ciclo do absurdo.[5]

Quanto ao existencialismo especificamente, Camus rejeitava-o por considerar sua visão sobre a liberdade e a busca por significado problemática. Enquanto o existencialismo, segundo Sartre (2010, p. 18), buscava colocar o sujeito como o autor de sua própria existência, livre e responsável por criar seu próprio significado, Camus discordava diretamente desta perspectiva, argumentando que a busca por um propósito é ilusória e aprisiona o indivíduo, de modo que a verdadeira liberdade reside em aceitar a ausência de significado.[6] Para o filósofo, o indivíduo está em um confronto direto e insolúvel com a irracionalidade do mundo, e é isto que define o absurdo.

---

4 Actuelles II. Gallimard, Paris, 1960, p. 83. In: GUIMARÃES, 1971, p. 22.

5 *O estrangeiro* foi publicado em maio de 1942, enquanto *O Mito de Sísifo* em outubro do mesmo ano, com cinco meses de diferença. Embora uma trate de um romance e outra de um ensaio, respectivamente, ambas abordam o tema do absurdo, de modo que *O estrangeiro* traz Mersault, o protagonista da obra, como a encarnação da inocência absurda. (Cf. Guimarães, 1971, p. 35)

6 Camus e Sartre possuem divergências filosóficas essenciais, e a principal delas reside na maneira como o absurdo é interpretado. Enquanto Sartre acredita que o absurdo pode ser superado pela liberdade e pela escolha consciente de valores, Camus, por outro lado, o considera uma condição permanente e irreconciliável da vida humana. Para o absurdista, a busca humana por sentido não encontra resposta definitiva no universo, o que torna a superação do absurdo impossível, por isso, ele rejeita qualquer tipo de esperança ou sistema metafísico para superar o absurdo, posicionando sua filosofia em uma recusa deliberada a 'soluções fáceis' (Cf. Reynolds, 2013, p. 27-29).

Sendo assim, para Camus (2021, p. 53) "o absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo". Ao querer encontrar um sentido para existência, nos deparamos com a fria indiferença do universo, que não nos fornece resposta alguma; isso porque "a busca por sentido é inerente à condição humana, uma tentativa de compreender o mundo a nossa maneira, que é buscando respostas e explicações racionais diante de tudo aquilo que nos cerca" (Cf. Azevedo, 2017, p. 24). Assim sendo, ao retirar o julgamento humano, o sentido e o valor anteriormente atribuídos se perdem, e a busca por um propósito se torna absurda, como Camus argumenta:

> O desejo profundo do próprio espírito em suas operações mais evoluídas une-se ao sentimento inconsciente do homem diante do seu universo: é exigência de familiaridade, apetite de clareza. Compreender o mundo, para um homem, é reduzi-lo ao humano, marcá-lo com seu selo. O universo do gato não é o universo do tamanduá. O truísmo "Todo pensamento é antropomórfico" não tem outro sentido. E também o espírito que procura compreender a realidade não se pode dar por satisfeito sem reduzi-la em termos de pensamento (Camus, 2021, p. 39).

O absurdo, então, é a sensação de vazio ou desconexão que surge quando o homem se depara com o silêncio do universo em resposta às suas questões existenciais. "O absurdo não reside no mundo ou no ser humano isoladamente, mas na relação conflituosa entre ambos, de modo que depende tanto do homem quanto do mundo" (Cf. Camus, 2021, p. 44). Logo, o absurdo é evidente, pois a condição humana é marcada por essa disjunção entre o desejo de sentido e a realidade caótica da existência, e é justamente a partir disso que nasce o absurdo:

> Um mundo que se pode explicar, mesmo com raciocínios errôneos, é um mundo familiar. Mas num universo repentinamente privado de ilusões e de luzes, pelo contrário, o homem se sente um estrangeiro. É um exílio sem solução, porque está privado das lembranças de uma pátria perdida ou da esperança de uma terra prometida. Esse divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário é propriamente o sentimento do absurdo (Camus, 2021, p. 22).

Da mesma maneira que se acusa um inocente de um crime que não cometeu e sua única reação diante da acusação é achá-la absurda, procurar um sentido em meio a um universo indiferente torna-se também absurdo. O absurdo, para o autor, significa tanto 'impossível' quanto 'contraditório'. Camus utiliza inicialmente essa ilustração para elucidar o conceito por ele apresentado, entretanto, cuida em não o restringir a algo exclusivamente conceitual e esgotável, muito mais que isso, para ele, o Absurdo trata-se de um sentimento.[7]

[7] Como afirma Pimenta (2018, p. 60): "não há, em *O mito de Sísifo*, a pretensão de oferecer uma definição do absurdo, mas unicamente de descrevê-lo. Camus não define, nem conceitua ou explica o absurdo, pois o absurdo é, em si mesmo, "contradição". Tal objetivo torna-se claro quando Camus define brevemente o absurdo, mas corrige em nota de rodapé: "Mas não no sentido próprio. Não se trata de uma definição, trata-se de uma enumeração dos sentimentos que podem conter absurdo. Mesmo acabada a enumeração, não esgotamos o absurdo)" (Camus, 2021, p. 34).

Aqui, se faz crucial compreender a distinção entre o sentimento e a noção do absurdo, dois elementos que, apesar de interligados, representam conceitos distintos: "O sentimento do absurdo não é, portanto, a noção do absurdo. Ele a funda, simplesmente. Não se resume a ela, exceto no breve instante em que aponta seu juízo em direção ao universo. Depois só lhe resta ir mais longe" (Camus, 2021, p. 56).

Em outras palavras, o sentimento do absurdo é uma experiência inesperada que surge no cotidiano. Ele é sentido em momentos de clareza súbita, quando o indivíduo, em meio às rotinas diárias, percebe a futilidade das ações repetitivas e o vazio subjacente à existência. É um sentimento que pode aparecer em situações banais ou, simplesmente, ao notar a monotonia da vida, refere-se a uma sensação de estranhamento e desorientação diante da falta de sentido do mundo.

Já a noção ou ideia do absurdo surge em seguida, como uma tentativa de racionalizar a experiência do sentimento e compreendê-la filosoficamente. A partir da noção do absurdo, o indivíduo reconhece conscientemente essa desconexão entre o desejo humano por ordem e a realidade indiferente, como argumentado por Costa:

> A Noção do Absurdo investiga e racionaliza o que o Sentimento do Absurdo constata, pois tudo começa pela sensibilidade. No entanto, o Sentimento do Absurdo não apenas precede à Noção do Absurdo, como, sobretudo, o ultrapassa, de modo que, nem tudo que é captado pela sensibilidade pode ser racionalizado, pois nem tudo é possível de ser compreendido pela razão (Costa, 2020, p. 15).

Desta maneira, o absurdo é uma experiência complexa, não facilmente definida ou apreendida, e a melhor maneira de compreendê-lo é através de sua descrição. Em *O Mito de Sísifo,* Camus busca nos guiar por uma descrição do absurdo, deixando claro que, neste ensaio, "o absurdo é tido como um ponto de partida, não uma conclusão" (Cf. Camus, 2021, p. 15). Assim, o filósofo sugere que o nascimento do absurdo ocorre em meio ao cotidiano, quando o ser humano desperta da rotina automática e se dá conta da falta de sentido inerente à vida e é neste aflorar da consciência que o sentimento do absurdo se revela:

> Cenários desabarem é coisa que acontece. Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono e segunda terça quarta quinta sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo. Um belo dia, surge o "por quê" e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro. "Começa", isto é o importante. A lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência (Camus, 2021, p. 33).

Desta forma, como elucida Guimarães (1971, p. 54): “a reflexão nos leva ao caráter estranho das coisas que estão diante de nós”, e é nesse estranhamento que o absurdo se revela. Para Camus, o absurdo é, portanto, um despertar existencial, onde o ser humano se depara com o vazio de sentido por trás da superfície da rotina, levando-o a questionar as bases de sua existência cotidiana: “O mundo nos escapa porque volta a ser ele mesmo. Aqueles cenários disfarçados pelo hábito voltam a ser o que são. Afastam-se de nós [...] Uma coisa apenas: essa densidade e essa estranheza do mundo, isto é o absurdo” (Camus, 2021, p. 35).

2 DAS DIFERENTES RESPOSTAS DIANTE DO CONFRONTO ABSURDO

Tendo compreendido a natureza do absurdo como um confronto entre o desejo humano por sentido e a indiferença do universo, é crucial analisar como os indivíduos reagem diante dessa condição existencial. Camus, em sua obra, apresenta as possíveis reações diante da falta de sentido, assim, nesta seção, exploraremos as diferentes respostas ao problema do absurdo.

Segundo o filosofo franco-argelino, essas respostas representam as diferentes maneiras de lidar com a falta de sentido: “Depois do despertar vem, com o tempo, a consequência: suicídio ou restabelecimento” (Camus, 2021, p. 33). É nesse contexto que o autor introduz dois conceitos centrais para sua filosofia: o suicídio e a revolta. Camus, no início de seu ensaio, afirma que um dos seus objetivos centrais é “analisar a relação entre o absurdo e o suicídio, a medida em que o suicídio é uma solução para o absurdo” (Cf. Camus, 2021, p. 22).

A primeira resposta ao absurdo que Camus analisa é o suicídio, considerado por ele como o único “problema filosófico realmente sério” (Camus, 2021, p. 18). A partir deste problema, o autor então disseca tal conceito e sua relação com o absurdo.

Por suicídio, tanto em sua forma literal quanto filosófica, Camus entende a desistência do indivíduo diante do absurdo. Nesta perspectiva, Camus aborda o suicídio não apenas como um fenômeno social, mas também como uma expressão do pensamento individual. Para ele, o suicídio representa a escolha de escapar do absurdo, negando a própria existência e confessando que “fomos superados pela vida ou que não a entendemos” (Camus, 2021, p. 21). Desta forma, o suicídio é uma fuga radical, uma recusa à vida diante do absurdo, mas que não responde ao problema em si, apenas o elimina fisicamente.

Outra resposta ao absurdo, segundo Camus, é o suicídio filosófico. O suicídio filosófico ocorre quando o indivíduo, em busca de sentido, abdica de sua capacidade de pensar e se refugia em ideologias que prometem um sentido transcendente à vida, como a crença em uma vida após a morte, ideais absolutos ou um propósito cósmico. Como o próprio filósofo define:

> Tomo aqui a liberdade de chamar de suicídio filosófico a atitude existencial. Mas isto não implica um julgamento. É uma maneira cômoda de designar o movimento pelo qual um pensamento nega a si mesmo e tende a superar-se no que diz respeito à sua negação. A negação é o Deus dos existencialistas. Esse deus, exatamente, só se sustenta pela negação da razão humana. Mas, como os suicídios, os deuses mudam de acordo com os homens. Há várias maneiras de saltar, mas o essencial é saltar. Essas negações redentoras, essas contradições finais que negam o obstáculo que ainda não foi superado, tanto podem nascer (é o paradoxo deste raciocínio) de uma certa inspiração religiosa quanto da ordem racional. Elas sempre aspiram ao eterno, e só nisso dão o salto (Camus, 2021, p.73).

Nesta altura do ensaio, Camus introduz o conceito de "salto no absurdo", intimamente relacionado à filosofia de Søren Kierkegaard.[8] Para Kierkegaard (2021), o *salto de fé* é a resposta à angústia existencial e à incapacidade da razão humana de fornecer respostas definitivas sobre o sentido da vida e a existência de Deus, de modo que esse salto não é baseado em lógica ou evidências, mas na crença incondicional, como destacado por Silva (2013, p. 52): "Refugiar-se no divino significa saltar para fora do absurdo agarrando-se a uma esperança."

Camus, por sua vez, rejeita essa solução, considerando-a uma forma de suicídio filosófico, uma fuga do confronto honesto com o absurdo. Para ele, o *salto de fé* de Kierkegaard é uma renúncia à lucidez e à coragem de viver sem ilusões:

> Ao analisar as filosofias existenciais, Camus observa que elas conduzem a evasão, pois aderem como ponto de partida do absurdo sobre as ruínas da razão e acabam enaltecendo aquilo que as oprime, de modo a encontrar esperança dentro desse mal. Ora, tal esperança está fundamentada em uma essência religiosa. Para Camus, a lucidez diante do absurdo não pode ceder à esperança religiosa (Lima; Oliveira, 2022, p. 28).

Deste modo, Camus acredita que, ao optar por essa fé irracional, o indivíduo se nega a encarar a verdadeira condição absurda da existência — a falta de sentido universal

[8] Na filosofia de Kierkegaard, o termo "salto no absurdo"é caracterizado como "uma mudança qualitativa, algo inexplicável". É como se o indivíduo estivesse em um determinado estádio da existência e "saltasse" de uma vez, de modo que não há um movimento que possa ser detalhado para outro estado, qualitativamente diferente do primeiro (Cf. Sales, 2012, p. 109).

e a indiferença do cosmos. Ele vê essa entrega à fé como um ato de desespero que impede o ser humano de viver plenamente no presente, aceitando a falta de respostas definitivas. Camus critica esse tipo de resposta porque, ao aceitar uma solução externa, o indivíduo nega a condição absurda e evita confrontar a realidade como ela é. Assim, tal solução, embora uma fuga mais sutil que o suicídio literal, é, ainda assim, uma negação do absurdo.

> Mas vejo, em contrapartida, que muitas pessoas morrem porque consideram que a vida não vale a pena ser vivida. Vejo outros que, paradoxalmente, deixam-se matar pelas ideias ou ilusões que lhes dão uma razão de viver, o que se denomina razão de viver é ao mesmo tempo uma excelente razão de morrer (Camus, 2021, p. 19).

Nesse sentido, Camus considera o suicídio como forma de fuga diante da condição absurda, assim como para Pascal (2003, p. 50) ao tratar a condição humana:[9] "Não tendo os homens podido curar a morte, a miséria, a ignorância, resolveram, para ficar felizes, não mais pensar nisso." Em outras palavras, o suicídio, seja literal ou filosófico, é uma forma de escapar do confronto com o absurdo, buscando uma solução mais confortável, no primeiro caso, a fuga é física e no segundo intelectual ou emocional. Para Camus, ambas as respostas são problemáticas porque representam uma desistência de encarar a verdade da existência humana – a falta de sentido do mundo, como exposto pelo filósofo francês Jean-Claude Brisville:

> O rosto do mundo já não é transparente, luminoso, dado, mas espesso, fechado, estranho - um rosto cujo silêncio já não exprime o acordo, mas a recusa, e o absurdo renasce dessa vez numa confrontação dramática. Viver será fazê-lo viver. Entre o apelo humano para unidade e a confusão universal, a fractura tem de ficar aberta. A resolução do problema pelo suicídio foge o problema ao suprimir um dos termos (Brisville, 1962, p. 38).

A terceira e, para Camus, a única resposta legítima ao absurdo é a revolta, que não nega o absurdo, mas é o seu enfrentamento.[10] Ela é a consciente de que, embora o universo seja indiferente e a vida não tenha um sentido maior, o ser humano pode afirmar sua própria liberdade e viver com lucidez. A revolta, segundo Camus, é um desafio contínuo, uma recusa em desistir da vida, de modo que mantendo o absurdo e recusando o suicídio, já nos instalamos na revolta.

---

[9] O conceito de *suicídio filosófico* em Camus é uma forma de fuga do absurdo, assim como Pascal, em suas reflexões sobre a condição humana, apresenta o 'divertimento' como forma de fuga à miséria humana e ao dilema existencial. Em diversos momentos de O mito de Sísifo, o próprio Camus referência o filósofo moderno.

[10] Cabe aqui destacar que o conceito de revolta não foi trabalhado concretamente na obra *O mito de Sísifo* e irá adquirir uma fundamentação mais aprofundada apenas no ensaio posterior *O Homem Revoltado*.

Revoltar-se consiste em aceitar o absurdo da vida e continuar a viver plenamente, buscando criar seu próprio significado e valor. Para o filósofo, a revolta é uma postura de confronto perpétuo com o absurdo, uma exigência de transparência, uma presença constante do homem diante de si mesmo, como exposto no trecho:

> Anteriormente tratava-se de saber se a vida devia ter um sentido para ser vivida. Agora parece, pelo contrário, que será tanto melhor vivida quanto menos sentido tiver. Viver uma experiência, um destino, é aceitá-lo plenamente. Mas, sabendo-o absurdo, não se viverá esse destino sem fazer de tudo para manter diante de si o absurdo iluminado pela consciência. Negar um dos termos da oposição na qual se vive é fugir dela. Abolir a revolta consciente é eludir o problema. O tema da revolução permanente se transfere assim para a experiência individual. Viver é fazer que o absurdo viva. Fazê-lo viver é, antes de mais nada, contemplá-lo. Ao contrário de Eurídice, o absurdo só morre quando viramos as costas para ele. Por isso, uma das poucas posturas filosóficas coerentes é a revolta, o confronto perpétuo do homem com sua própria escuridão. Ela é a exigência de uma transparência impossível e questiona o mundo a cada segundo. Assim como o perigo proporciona ao homem uma oportunidade insubstituível de captá-la, também a revolta metafísica estende a consciência ao longo de toda a experiência. Ela é a presença constante do homem diante de si mesmo (Camus, 2021, p. 91-92).

Não apenas, a revolta também implica em uma profunda mudança de postura diante da vida, marcada por uma consciente indiferença ao futuro. O homem revoltado, ao aceitar o absurdo da existência, liberta-se das ilusões de um propósito pré-definido e da busca por uma salvação transcendente. Como afirma Camus (1951, p. 407) no ensaio *O homem revoltado*, "a verdadeira generosidade em relação ao futuro consiste em dar tudo ao presente". E é justamente essa atitude de entrega ao presente, sem se preocupar com as promessas do amanhã, que define a liberdade do homem revoltado.

Assim, a indiferença ao futuro como revolta é também uma forma de se opor ao suicídio filosófico, a busca por um sentido transcendente que anula a realidade do presente. O homem revoltado não se refugia em promessas de um futuro melhor ou em crenças que buscam negar o absurdo, ao invés disso, ele se concentra na experiência imediata, no confronto com o mundo tal como ele é, como destacado por Costa e Barbosa (2020, p. 463): "A ação revoltada não se projeta sobre o futuro; pelo contrário, nossa atitude é destinada ao mundo que sentimos tal qual uma ação de amor para com o presente sem preocupar-nos com as promessas do amanhã."

Deste modo, a revolta refere-se a encarar o vazio de uma forma racional, consiste em viver sem ter medo do absurdo e da morte. A revolta é uma expressão da liberdade consciente do absurdo, de modo que consiste em encarar a vida sem sentido e querer vivê-la mesmo assim:

> Viver sabendo da morte e da solidão é revolta. [...] O homem vive, e vivendo, se sobrepõe ao destino. Estar destinado a morrer, e no entanto, viver com a certeza de sua finitude – eis todo o valor. Se a morte é o grande mal, é ela que faz a grandeza do homem. E vivendo, realizando, agindo, o homem dá a medida da injustiça que lhe é feita. Há em toda a vida consciente uma revolta (Guimarães, 1971, p. 37).

Logo, essa revolta é uma fonte de liberdade para o ser humano, pois é também a libertação da busca incessante por uma justificativa externa para sua existência. Ao contrário do suicídio literal ou filosófico, a revolta é um compromisso com a vida, uma afirmação da própria capacidade de viver e de criar significado, mesmo em um mundo indiferente. O homem revoltado é aquele que, consciente do absurdo, ainda encontra valor em cada instante de sua existência, em suas escolhas e em suas ações.

> Aqui se vê como a experiência absurda se afasta do suicídio. Pode-se pensar que o suicídio se segue à revolta. Mas é um engano. Porque ele não representa seu desenlace lógico. É exatamente o seu contrário, pela admissão que supõe. O suicídio, como o salto, é a aceitação em seu limite máximo. Tudo se consumou, o homem retorna à sua história essencial. Divisa seu futuro, seu único e terrível futuro, e se precipita nele. A sua maneira, o suicidio resolve o absurdo, ele o arrasta para a própria morte. Mas eu sei que, para manter-se, o absurdo não pode ser resolvido. Recusa o suicídio na medida em que é ao mesmo tempo consciência e recusa da morte (Camus, 2021, p. 91-93).

Desta forma, a consciência e a revolta são o oposto da renúncia, de modo que para afirmar que a vida é absurda, a consciência tem necessidade de existir (Cf. Camus, 1951, p. 15). Assim sendo, compreender o absurdo e escolher a revolta como resposta significa abraçar a liberdade que surge da consciência da falta de sentido. A consciência do Absurdo nos liberta da ilusão de um futuro predefinido e nos coloca em contato com a realidade do presente, como afirma Camus (2001, p. 98): “O absurdo me esclarece o seguinte ponto: não há amanhã. Essa é, a partir de então, a razão da minha liberdade profunda”.

3 DO MITO DE SÍSIFO E A BUSCA POR SIGNIFICADO PRÓPRIO

A partir da revolta como única resposta legítima ao problema do absurdo, Camus se apropria do mito de Sísifo como metáfora para elucidar sua tese sobre a condição humana, apresentando Sísifo como um símbolo da revolta e da aceitação do absurdo.

Segundo Camus (2021), na mitologia grega, Sísifo era um rei, considerado o mais esperto dentre os homens, que desafiou os deuses e enganou a morte duas vezes, primeiro ao aprisioná-la e depois ao tentar enganar Zeus. Em retaliação, Hades, o deus

do submundo, o condenou a empurrar uma pedra montanha acima, mas sempre que chegasse ao topo, a pedra rolaria para baixo novamente.

Para Camus, a condenação de Sísifo representa a experiência humana diante do absurdo, um ciclo de esforço incessante e sem fim que simboliza a futilidade da existência. Sísifo está condenado a empurrar uma pedra montanha acima, para que ela role novamente para baixo, sem jamais alcançar um objetivo final, uma tarefa sem sentido e repetitiva. Camus compara a condição humana à de Sísifo, preso em uma busca por sentido em um universo que não oferece respostas. O mito, na interpretação de Camus, não é uma história de desespero, mas de resistência e acessível da condição absurda da existência, de modo que a condenação de Sísifo só se torna um castigo trágico porque o personagem é consciente de sua condição:

> Este mito só é trágico porque seu herói é consciente. O que seria a sua pena se a esperança de triunfar o sustentasse a cada passo? O operário de hoje trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas, e esse destino não é menos absurdo. Mas só é trágico nos raros momentos em que se torna consciente. Sísifo, proletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão de sua miserável condição: pensa nela durante a descida. A clarividência que deveria ser o seu tormento consuma, ao mesmo tempo, sua vitória. Não há destino que não possa ser superado com o desprezo (Camus, 2021, p. 195).

Assim sendo, Sísifo não é uma figura trágica no sentido clássico, mas um herói absurdo. Sua revolta contra a situação que lhe foi imposta — a consciência do seu destino sem submissão — o torna uma figura emblemática da resposta humana ao absurdo. Ele representa o ser humano que, mesmo consciente da falta de sentido e da repetição inescapável da vida, continua a viver e a enfrentar sua condição sem cair em desespero ou buscar refúgio em ilusões, conforme elucida Azevedo:

> Sísifo, segundo Camus, torna-se superior ao seu destino a partir do exato momento em que ele o deserta. Sísifo é um herói absurdo, porque é consciente de seu destino e de sua condição. [...] Camus demonstra através de sua releitura d'*O Mito de Sísifo* que os homens podem viver sem as amarras e designações doutrinárias de um cosmo, cujo destino notadamente dirigido e coordenado por forças superiores, sejam elas espirituais, mitológicas ou mesmo humanas. Ou seja, para Camus, cabe ao homem desviar-se de tal condição que o envolve para que dessa maneira possa então superar o destino esmagador que o espera, assumindo a dianteira de suas próprias vontades (Azevedo, 2017, p. 38).

Em outras palavras, para Camus, por mais sofrida que seja uma situação, enquanto houver consciência, há uma escolha. Se o universo é mesmo absurdo e sem sentido, da mesma forma, o castigo de Sísifo também não carrega nenhum significado, a menos que ele escolha interpretá-lo dessa forma.

> Toda a alegria silenciosa de Sísifo consiste nisso. Seu destino lhe pertence. A rocha é sua casa. Da mesma forma, o homem absurdo manda todos os ídolos se calarem quando contempla seu tormento. No universo que repentinamente recuperou o silêncio, erguem-se as milhares de vozes maravilhadas da Terra. Chamamentos inconscientes e secretos, convites de todos os rostos são o reverso necessário e o preço da vitória. Não há sol sem sombra, e é preciso conhecer a noite. O homem absurdo diz que sim e seu esforço não terá interrupção. Se há um destino pessoal, não há um destino superior ou ao menos só há um, que ele julga fatal e desprezível. De resto, sabe que é dono de seus dias (Camus, 2021, p. 197).

Camus (2021) afirma que "devemos imaginar Sísifo feliz", pois, apesar da natureza aparentemente inútil de seu esforço, ele encontra dignidade na própria luta. O herói absurdo não se resigna nem se refugia em promessas metafísicas, mas assume a tarefa de viver plenamente nos limites de sua condição. O momento de maior lucidez para Sísifo é aquele em que ele desce a montanha para buscar novamente sua rocha, consciente de sua tarefa, mas também consciente de sua liberdade interior para não ser derrotado por ela.

Sísifo, então, simboliza a possibilidade de se viver sem ilusões, aceitando a realidade absurda da vida, mas encontrando um sentido pessoal no próprio ato de viver. Ao abraçar uma luta constante, ele transforma uma condição absurda em uma fonte de liberdade e ação. Camus defende que, ao contrário de se render ao desespero ou buscar uma saída metafísica, o ser humano pode criar seu próprio significado. O absurdo não leva necessariamente ao niilismo ou à resistência, mas pode ser o ponto de partida para uma vida autêntica. A busca pelo significado próprio, portanto, é uma forma de resistência ao absurdo, uma postura de revolta diante da falta de propósito.

Ao reconhecer que a vida não tem um sentido predeterminado, o indivíduo está livre para criar seus próprios valores e objetivos, sem depender de uma ordem cósmica ou religiosa. Essa criação de significado é, contudo, consciente da sua precariedade e provisoriamente: o homem revoltado não se ilude com a ideia de que seu sentido seja absoluto ou definitivo, ele entende que, assim como Sísifo empurra sua rocha dia após dia, o ser humano se constrói e reconstrói continuamente seu sentido, sabendo que nunca haverá uma resposta final.

Dessa forma, a filosofia de Camus propõe que a felicidade possa ser encontrada, não em um sentido transcendente, mas no processo contínuo de viver, através da indiferença pelo futuro e a paixão de esgotar tudo o que é dado (Camus, 2021). A busca por significado é, em si mesma, um ato de liberdade e resistência, assim, o sentido criado é resultado de suas escolhas e de sua consciência do absurdo da vida. Isso não o diminui; pelo contrário, ele é enobrecido por essa consciência e pela sua capacidade de continuar, apesar do absurdo.

> Deixo Sísifo na base da montanha! As pessoas sempre reencontram seu fardo. Mas Sísifo ensina a fidelidade superior que nega os deuses e ergue as rochas. Também ele acha que está tudo bem. Esse universo, doravante sem dono, não lhe parece estéril nem fútil. Cada grão dessa pedra, cada fragmento mineral dessa montanha cheia de noite forma por si só um mundo. A própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo feliz (Camus, p. 198).

Através da figura de Sísifo, destarte, Camus nos convida a aceitar o absurdo como uma realidade inescapável e a viver sem ilusões confortantes. A condição absurda da vida, longe de ser um motivo para desistir, torna-se uma oportunidade para a criação de um sentido próprio, uma afirmação da liberdade humana em meio à falta de respostas universais. Sísifo, o herói absurdo, nos ensina que o significado é possível ser feliz ao abraçar o desafio da existência, encontrando no próprio esforço, mesmo quando a vitória final está fora de alcance.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a filosofia absurdista de Albert Camus, apresentada em *O Mito de Sísifo*, é pautada no conceito do absurdo, considerado por Camus como ponto central em meio ao dilema existencial resultante do confronto entre o desejo humano por sentido e a recusa do universo em oferecer respostas, assim, esse conflito, emerge da percepção de que a busca por significado e propósito é frustrada pela constatação da falta de sentido inerente à vida.

Dentre as reações possíveis ao absurdo apresentadas por Camus, destaca-se a possibilidade da revolta, que, para o autor, é a única resposta autêntica à condição absurda. Deste modo, a obra de Camus, é marcada fundamentalmente por uma postura de revolta e desafia a busca por respostas transcendentes, como o suicídio, e defende a afirmação da liberdade individual diante do absurdo.

Assim, a partir do mito de Sísifo, Camus ilustra essa revolta por meio da imagem de um homem que, mesmo diante da repetição fútil de sua tarefa, recusa o desespero e encontra significado na própria luta. O herói absurdo não busca uma salvação externa, mas assume a tarefa de criar sentido a partir de sua própria experiência de vida. A revolta se torna, então, um ato de criação e resistência, uma escolha corajosa de viver em meio ao absurdo e de transformar o esforço diário em uma expressão de liberdade.

Com isso, ele demonstra como a consciência do absurdo pode ser transformada em uma força propulsora para a vida, impulsionando-nos a agir e construir o nosso

próprio caminho e a encontrar significado na experiência cotidiana. O absurdo, considerado pelo autor como um ponto central em sua filosofia, portanto, não é um fim, mas um ponto de partida para a liberdade e a criação de um sentido próprio, desafiando a ilusão de um mundo ordenado e abraçando a complexidade da existência.

Por fim, se faz importante destacar que o ensaio *O Mito de Sísifo* é apenas um dos pontos de partida para a compreensão da filosofia de Camus e sua perspectiva sobre o absurdo, que também se manifesta em outros romances como *O estrangeiro* e na peça teatral *Calígula*. Em suas obras posteriores, como *A peste, Estado de Sítio, Os Justos* e especificamente e em *O Homem Revoltado*, Camus dará uma ênfase maior e aprofundará o conceito de revolta, explorando a busca por uma ética da revolta e a relação entre o indivíduo, o mundo e as diversas formas de opressão e violência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Pedro Israel Saraiva de. **Do absurdo à revolta em Albert Camus.** 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2017.

BRISVILLE, Jean-Claude. **Albert Camus.** Lisboa, Portugal: Presença, 1962. 290 p.

CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. Lisboa, Portugal: Livros do Brasil, 1951. 413 p.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo.** 23. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2021. 226 p.

COSTA, Phabyo Laurenço da. **Absurdo, arte e revolta em Albert Camus.** 2020. 115 f. Dissertação (Mestrado em Estética e Filosofia da Arte) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2020.

COSTA, Thaís Cristina Alves; BARBOSA, Evandro. Para além da pulsão de morte: absurdo e revolta em Albert Camus. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, v. 11, n. 2, p. 454-468, 2020.

GUIMARÃES, Carlos Eduardo. **As dimensões do homem**: mundo, absurdo, revolta (Ensaio sobre a filosofia de Albert Camus.). Rio de Janeiro, RJ: Paz & Terra, 1971. 124 p.

KIERKEGAARD, Soren. **O desespero Humano**. São Paulo: Lebook Editora, 2021.

LIMA, Michelle Ferreira de; OLIVEIRA, Jelson. **A estética da revolta em Albert Camus.** 2022. 113 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2022.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. 508 p.

REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Série Pensamento Moderno) 256 p.

PIMENTA, Danilo Rodrigues. O absurdo camusiano em" O mito de Sísifo". **Jangada: crítica| literatura| artes**, v. 6, n. 2, p. 52-67, 2018.

SALES, Talles Luiz de Farias. O estádio estético e o seu lugar na teoria kierkegaardiana dos Stadier. v. 5. (VII Encontro de Pesquisa na Graduação de Filosofia na UNESP). **Revista Filogênese.** Marília, 2012, 5: p. 106-120.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. 84 p.

SILVA, Angela Regina Binda da. **A indiferença e o sol:** Meursault, o herói absurdo em O estrangeiro de Albert Camus. Vitória, ES: EDUFES, 2013. 165 p.